

António Cirurgião\*

## **O Olhar Esfíngico da Mensagem de Pessoa**



---

\* Prof. da Universidade de Connecticut

## **Antelóquio**

Ciente da complexidade do tema e da popularidade da obra, foi «com temor e com tremor» que nos lançámos à leitura da *Mensagem*. E, sendo assim, durante o processo da sua elaboração, achou-se conveniente ir dando conhecimento do projecto a alguns colegas e amigos, sempre na esperança de que teriam uma palavra crítica a dizer ou, pelo menos, uma palavra de encorajamento. E (cito por ordem alfabética) como o Dr. Arturo Giráldez, a Dra. Bruna Cunha-Viana, o Dr. Chrystopher Aurette, o Dr. Fernando Martinho, o Professor Ivo Cruz, o Dr. José Blanco, a Professora Marie Naudin, e o Dr. Sérgio Pachá, se dignaram honrar-nos com essa palavra crítica e/ou com essa palavra de encorajamento, a todos eles deixamos aqui expresso o nosso mais sincero reconhecimento, apressando-nos, porém, a prevenir que, se a esses colegas, e amigos, cabe o mérito de observações acertadas, só a nós cabe a responsabilidade última pelas deficiências – e muitas serão – que possa haver neste nosso estudo.

Quanto à concordância da *Mensagem*, que julgamos venha a contribuir para tornar mais rico e completo o comentário a cada uma das partes, secções e poesias que constituem o poema épico de Pessoa, assim como a introdução geral, queremos deixar aqui expressos os nossos agradecimentos à licenciada Robin Andrés e ao doutorando David Silva pela colaboração que nos deram por ocasião da realização de um curso sobre Fernando Pessoa, na Universidade da Califórnia, em Santa Bárbara, no verão de 1987, colaboração que consistiu no levantamento de todo o vocabulário da *Mensagem*.

Ao Professor António Quadros e à Professora Maria Lucília Pires agradecemos as diligências feitas para que este trabalho fosse publicado; o ao ICALP, na pessoa do seu digno e dinâmico Presidente, Professor Fernando Cristóvão, manifestamos a nossa gratidão por se ter dignado apostar na relevância desta obra.

Desejo também expressar o meu reconhecimento à University of Connecticut Research Foundation e à filial da American Association of University Professors na University of Connecticut pelo apoio financeiro prestado na elaboração deste estudo.

Storrs, 13 de Outubro de 1987.

*António Cirurgião*

## **Introdução**

*Plurimi pertransibunt, et multiplex erit scientia.*

Apud Vieira, «História do Futuro»

*A verdade não é o desvendamento que anula o mistério, mas a revelação que lhe faz justiça.*

Walter Benjamin

*O que fiz por acaso e se completou por conversa fora trabalhado, com Esquadro e Compasso, pelo Grande Arquitecto.*

Fernando Pessoa

## **A poética da Mensagem**

Vistos no conjunto, os 44 poemas que constituem a *Mensagem* poderão ser considerados quanto ao esquema estrófico, ao rítmico e ao rímico <sup>1</sup>.

Pelo que se refere ao esquema estrófico, cabe-nos observar que há 3 poemas monóstrofos, 15 de duas estrofes, 18 de três, 5 de quatro, 2 de cinco e 1 de seis. Prevenimos, porém, que é com certa relutância que consideramos «Noite» um poema de seis estrofes. Em nossa opinião, deverá ter sido por descuido que os últimos seis versos foram distribuídos por uma estrofe de cinco versos e outra, a última, de um. Não fosse isso, e teríamos 3 poemas de cinco estrofes e nenhum de seis.

As estrofes dos poemas da *Mensagem* poderão ser classificadas em pares e ímpares, isostróficas e alostróficas, isométricas e heterométricas, isorrítmicas e heterorrítmicas, e, quanto ao número de versos, em monósticos, dísticos, tercetos, quadras e quartetos, quintilhas, sextilhas, séptimas, nonas e décimas<sup>2</sup>.

Pelo que diz respeito ao esquema rítmico, há também na *Mensagem* uma vasta gama de ritmos, indo do dissílabo ao dodecassílabo, passando pelos versos de três, quatro, seis, sete, oito, nove e dez sílabas.

Finalmente, quanto ao esquema rímico, nota-se também uma grande variedade, que vai dos versos brancos aos versos rimados, dividindo-se estes em emparelhados, cruzados, interpolados, misturados, e que vai da rima rica à rima pobre, da rima aguda à rima grave e esdrúxula.

### **O género poético da *Mensagem***

Como classificar poeticamente a *Mensagem*? Como poema épico? Como poema lírico? Como poema elegíaco? Deixando de parte a discussão pormenorizada do assunto, em virtude de ele já ter sido tratado em pormenor por especialistas na matéria <sup>3</sup>, ater-nos-emos a enunciar em termos muito genéricos a nossa posição, para o que nos valem de uma visão *a posteriori*. Como se diz no comentário a um dos poemas, a *Mensagem* constitui um género híbrido, embora nele se privilegie o género épico, tal como, depois da teorização de Edgar Allan Poe, esse poema épico era viável. A tonalidade lírica e elegíaca que se faz ouvir, umas vezes em surdina e outras em voz alta, através de todo o poema, leva-nos a classificar a *Mensagem* como um misto de poema, épico, lírico e elegíaco.

### **Método crítico**

Leitor assíduo das novidades no campo da crítica literária, é nossa preocupação servir-nos de todos os meios que possam auxiliar-nos numa melhor compreensão do texto literário que nos propomos analisar, cientes como estamos do que a *Mensagem*, como obra maior que é, merece ser lida com a máxima atenção e com a maior profundidade possível. Dito isto, fácil é concluir que de forma alguma excluímos qualquer dos métodos propostos até hoje, desde que satisfaçam o desiderato enunciado. Se mais longe não vamos na utilização de determinados métodos de crítica literária, isso se deve à falta de tempo para os assimilar a todos.

Se nos perguntassem qual o método a que mais frequentemente recorremos na análise dos poemas da *Mensagem*, seria difícil responder. Uma coisa convém, porém, que desde já fique bem clara. E é que se evitou, tanto quanto foi possível, o método biografista, por várias razões: primeiro, porque parece ter sido aquele que mais se tem usado, e de que mais se tem abusado, nos estudos feitos até agora sobre a *Mensagem*, pelo que quase tudo quanto se dissesse neste capítulo seria provavelmente repetitivo e, portanto, supérfluo; segundo, porque as conclusões a que esse método tem levado de forma alguma fazem justiça ao poema, em nossa modesta opinião. É pela insistência desmedida no método biografista, desde o momento em que a *Mensagem* saiu a lume, que ainda hoje uns vêem esta obra como uma mancha na vida e criação artística de Fernando Pessoa, e outros como um ponto alto nessa

vida e nessa criação, de acordo com a ideologia e com as cores políticas de cada um desses dois grupos. Naturalmente que com isto não queremos dizer que sejam irrelevantes as convicções políticas de um escritor, mas tão-só que elas jamais deverão ser razão necessária e suficiente para minimizar, ou engrandecer, o valor estético da obra ou obras que possam reflectir, com maior ou menor fidelidade, essas convicções. Sendo a literatura uma arte, e a *Mensagem* uma obra literária, é sobretudo como obra de arte que deverá ser julgada e apreciada.

De que métodos nos servimos então para elaborar o trabalho que oferecemos ao juízo do leitor? Sem pretender referi-los todos, até porque, em certo aspecto, poderia acontecer-nos como ao Mr. Jourdain de Molière – o tal que levava dezenas de anos a falar em prosa, sem saber que o fazia –, diremos que, tratando-se de uma epopeia histórica, entre outras coisas, forçoso foi recorrer ao método historicista; tratando-se de um poema de ressonâncias bíblicas e messiânicas, necessário foi servirmo-nos da hermenêutica, como se se tratasse de uma obra sagrada, método, aliás, de venerandas tradições no campo da análise de poemas épicos, desde os homéricos ao de Milton, passando pela *Eneida*, de Virgílio, a *Divina Comédia*, de Dante, e *Os Lusíadas*, de Camões; tratando-se de uma obra em que abundam os arquétipos, pareceu conveniente utilizar o método arquetípico; tratando-se de uma obra em que o verbo impera soberano, prestou-se a maior atenção ao método filológico, procurando-se fazer com a palavra o que Rabelais convida a fazer na introdução ao seu Gargantua: sondar-lhe todas as faces, virá-la de todos os lados, penetrar-lhe as entranhas, a fim de poder encontrar a «*substantifique moelle*» dessa palavra, imitando o cachorro, às voltas com o osso, de que fala Rabelais de uma forma pitorescamente séria. E recorreu-se ao método esteticista e ao método psicológico e ao método estruturalista e ao método semiótico e ao método estatístico e, como se deu a entender atrás, a possíveis métodos sem nome. Em conclusão, optou-se por uma abordagem metodológica de carácter eclético, na convicção moral de que, como se disse no início, são aceitáveis todos os métodos que não conduzam a uma melhor compreensão da obra estudada, razão de ser última de todo o exercício de crítica literária.

Mas poderá justamente questionar-se a relevância de tantos e tão variados métodos, quando falta aquele «*quid*» que Fernando Pessoa exige dos críticos dignos de tal nome. Referimo-nos àquele «apontamento solto de Fernando Pessoa»

que a organizadora da Edição da Aguilar, Maria Aliete Galhoz, antepôs à *Mensagem*, sob o título de «Nota Preliminar»:

A quinta [qualidade ou condição] é menos definível. Direi talvez, falando a uns que é a graça, falando a outros que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros que é o Conhecimento e Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da mesma maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo <sup>4</sup>.

### **Camões e Pessoa**

Embora o diálogo de Fernando Pessoa como Camões seja objecto de um escrutínio relativamente cuidadoso no decorrer da leitura que nos propomos fazer da *Mensagem*, dada a relevância do caso, parece-nos necessário fazer algumas observações sobre esse diálogo nesta breve introdução.

Se lermos *Os Lusíadas* e a *Mensagem* com atenção, não nos é difícil notar imediatamente a intertextualidade entre os dois poemas épicos <sup>5</sup>.

Poderíamos comprovar este fenómeno por meio de uma breve referência ao episódio do «Gigante Adamastor» de *Os Lusíadas* e ao «Mostrengo» da *Mensagem*. Mas como esse tema tem sido tratado por críticos competentíssimos, vejamos, à guisa de exemplo, a epígrafe geral da *Mensagem* e o primeiro verso de *Os Lusíadas*. Numa e noutra obra temos o sinal distintivo e indelével gravado na fronte dos heróis e do poeta e dos portugueses: «As armas e os barões assinalados» e «Benedictus Dominus noster qui dedit nobis signum». Em *Os Lusíadas* os nautas portugueses vão assinalados com um sinal muito especial: o de heróis escolhidos pelo Senhor para realizarem uma empresa de carácter transcendente e cristão. E pelo que se refere à *Mensagem*, no poeta, feito profeta e interlocutor de um povo, o Senhor dá aos portugueses um sinal que os distingue e os marca também para uma obra sobre-humana e esotereológica.

Porém a *Mensagem* comparada com *Os Lusíadas*, é um passo em frente. Enquanto Camões em *Os Lusíadas* conseguiu fazer a síntese entre o mundo pagão e o mundo cristão, Pessoa na *Mensagem* conseguiu ir mais longe, estabelecendo uma harmonia total, perfeita, entre o mundo pagão, o mundo cristão e o mundo esotérico, entendendo por mundo esotérico aquele que vai da teosofia à alquimia e da maçonaria ao rosacruzianismo, passando por todas as religiões de carácter iniciático e, portanto, secreto. Num poema como «Viriato», por exemplo,

vão de mãos dadas o cristianismo e o pitagorismo, o budismo e o induísmo, traduzidos, respectivamente, pela ressurreição e pela reencarnação ou metempsicose <sup>6</sup>.

Por outro lado, enquanto *Os Lusíadas* é essencialmente o poema da celebração do passado, a *Mensagem* é sobretudo o poema da glorificação do futuro; enquanto em *Os Lusíadas* se aponta muito timidamente para uma visão messiânica de Portugal, no passado, na *Mensagem* faz-se do messianismo a mola-real de Portugal, no futuro, podendo dizer-se que, no fundo, o que se propõe na *Mensagem* é o regresso à Idade do Ouro.

Em vista do que fica dito, e, sobretudo, do que se verá adiante, a intertextualidade entre os dois poemas épicos máximos da literatura portuguesa é uma realidade palpável, impregnando as linhas e as entrelinhas dos dois discursos.

### **Do texto adoptado**

Tratando-se de fazer um estudo, baseado essencialmente, no seu aspecto externo, no método da crítica literária intitulado explicação de texto, isto é, alicerçado na análise metódica da obra, parte a parte, secção a secção, poema a poema, verso a verso, palavra a palavra, signo a signo, pareceu-nos que deveria dar-se preferência a uma versão da *Mensagem* que reflectisse o melhor possível a vontade do autor. E como é nossa convicção que o texto que melhor traduz essa vontade é o da edição de 1941, ou seja, a segunda, feita à base de um exemplar da primeira edição corrigido por Fernando Pessoa, como se diz expressamente numa rubrica impressa a seguir ao poema <sup>7</sup>, foi por esse texto que se optou. Isto depois de se ter utilizado o texto da Aguilar, em virtude de duas declarações que nos pareceram pertinentes: uma contida na «Nota Editorial / À Primeira Edição», e outra numa nota à *Mensagem*: «Todavia, em homenagem de respeito à memória do poeta, reproduzimos absolutamente intocada a grafia da *Mensagem*, o único livro de poesia portuguesa publicado em vida dele e por ele revisto» <sup>8</sup>. «5. – A 1.<sup>a</sup> ed. da *Mensagem* foi feita em Lisboa em 1934 pela Parceria António Maria Pereira. Não tem datas nos poemas como costume era do A. quando publicava algo seu. A 2.<sup>a</sup> ed. foi feita também em Lisboa (1940), pela Agência Geral das Colónias; sobre um exemplar da 1.<sup>a</sup>, revisto pelo A., foi feita a 3.<sup>a</sup> ed., a cargo da Edit. Ática (1945) e constituindo o OC/V» <sup>9</sup>. Mas a pertinência dessas observações evaporou-se no momento em que, resolvendo trilhar caminho seguro, se recorreu à consulta directa do um exemplar da 2.<sup>a</sup> edição e se verificou que essas observações eram erradas.

Por razões que não conseguimos compreender, Maria Aliete Galhoz – que foi dos primeiros privilegiados a penetrar no «*sancta sanctorum*» dos assim chamados papéis de Fernando Pessoa, e que teve, portanto, acesso a tudo quanto era obra impressa e manuscrita – não terá reparado em dois factos muito claros: primeiro, que a 2.<sup>a</sup> ed. da *Mensagem* é de 1941 e não de 1940, uma vez que a data está impressa no próprio texto dessa 2.<sup>a</sup> ed., que é a da Agência Geral das Colónias: «Este livro realizado pela Editorial Ática, Rua Chagas, 23 a 27, Lisboa, foi composto e impresso durante o mês de Janeiro de 1941»; segundo, que foi essa 2.<sup>a</sup> ed., e não a da Ática de 1945, a primeira que foi feita à base do dito exemplar da 1.<sup>a</sup> ed. (1934), revisto e datado por Fernando Pessoa.

Cabe informar que as variantes entre a edição da Agência Geral das Colónias e a da Aguilar são mínimas, e que delas se dará devida conta ao transcrever os respectivos poemas, à medida que forem sendo analisados.

Na transcrição dos vocábulos e da pontuação, observou-se rigorosamente, como se disse, o texto da edição da Agência Geral das Colónias, com três excepções quanto ao vocabulário e uma quanto à pontuação: a mudança de dois «porque» para «por que», por se tratar, em ambos os casos, de uma conjunção final e não causal, a mudança de É para E, no poema sobre o Conde D. Pedro, e a mudança de **tremer** para **temer**, no poema «O Mostrengo», e a inclusão de uma vírgula<sup>10</sup>. Destas alterações dá-se devida conta em notas ao texto da *Mensagem*, à medida que os respectivos poemas forem sendo transcritos.

Embora vários dos poemas incluídos na *Mensagem* tenham sido publicados anteriormente, já separadamente, já em grupos<sup>11</sup>, e, ao aparecerem na epopeia, tenham sofrido alterações, neste trabalho não se registaram essas variantes, uma vez que o poema modificado é essencialmente outro.

Aos que porventura tenham interesse em ver essas variantes recomenda-se-lhes a consulta de duas obras pertinentes: «*Fernando Pessoa, Obra Poética*». Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz. Cronologia da vida e da obra do poeta de João Gaspar Simões (Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965), pp. 647-652. e «A Letra e o Leitor», de Jacinto do Prado Coelho (Lisboa: Moraes Editores, 1977), pp. 227-234.

Oportunamente, chamar-se-á a atenção para as variantes registradas na edição da Aguilar, como se disse atrás. É que esta edição, pelo que se refere à *Mensagem*, tal como a da Agência Geral das Colónias, também foi feita à base de um exemplar da



1.<sup>a</sup> edição revista por Fernando Pessoa, como expressamente se declara na pág. 649. E outros sim se indicarão em nota as variantes em relação à edição de 1934, que é a primeira, como é sabido.

É o momento de esclarecer mais uma vez que as correcções feitas pelo autor sobre um exemplar da primeira edição são menos que as que os organizadores da segunda edição e da ed. Aguilar nos querem fazer crer. Para além do registro das datas da composição da maioria dos poemas que constituem a *Mensagem* (fenómeno importante, naturalmente), as variantes são mínimas, como poderá verificar-se, através das notas ao texto da segunda edição. A única variante do carácter mais ou menos essencial é a que consta do segundo poema da *Mensagem*: «O das Quinas». Quanto às outras, é bom que conste que elas são quase inexistentes. Aliás, no aspecto ortográfico, a ed. Aguilar afasta-se mais da ed. de 1934 que a ed. da Agência Geral das Colónias, de 1941. A ed. de 1941 acompanhou tão de perto a de 1934 que, salvo raras excepções, vai ao ponto de seguir quase o formato tipográfico, a começar pela paginação e a acabar pela disposição do índice. O primeiro desvio, no que se refere à disposição tipográfica, surge na II Secção das Quinas. Ao passo que na ed. de 1934 os títulos dos cinco poemas que constituem essa secção estão numa só linha, na ed. de 1941 estão em duas linhas; e o primeiro desvio, no que se refere à paginação, é motivado pelo poema «D. Fernando, Infante de Portugal». Enquanto na ed. de 1934 esse poema ocupa unicamente a página 32, na de 1941 extrapola para a página 33. Fenómeno idêntico a este dá-se com o poema «As Ilhas Afortunadas», o qual na ed. de 1934 ocupa só a página 79 e na de 1941 ocupa também a página 80.

## **Bibliografia**

Quanto à bibliografia, convém esclarecer que nem todas as obras enumeradas na bibliografia geral aparecem citadas directamente no texto. Se aí foram incluídas é por ser nossa convicção que é útil para o leitor saber da existência dessas obras e da sua possível relevância para um estudo compreensivo da *Mensagem*.

Outro ponto importante a esclarecer neste capítulo relaciona-se, como já se disse em nota, com a impossibilidade física de estar a par de tudo quanto no mundo se está escrevendo sobre Fernando Pessoa, especificamente sobre a obra que nos propusemos estudar, pelo que desde já prevenimos os interessados que,

sem negligenciar esse aspecto, ele representou papel secundário no nosso estudo. Tanto mais que, sendo nossa intenção partir para a leitura da *Mensagem* em estado de inocência (no sentido etimológico do termo), só depois de feita essa leitura, ou escrito o trabalho, é que tomámos conhecimento de praticamente todos os estudos referidos na bibliografia. Pelo que pode ser dito que, no que possa haver de análogo entre a nossa visão da *Mensagem* e a visão contida num ou noutro dos estudos mencionados na bibliografia, se trata de mera coincidência, fenómeno que nos apraz focar, na medida em que talvez isso sirva para corroborar o possível acerto de algumas das nossas hipóteses sobre o sentido do poema. Em vista do que, talvez possa afirmar-se que, se há um método de cuja omnipresença se pode falar, no decurso da nossa peregrinação através dos meandros da *Mensagem*, esse método é aquele que I. A. Richards advogou e baptizou com o nome do «*close reading*».

Sabendo de antemão, quando pela primeira vez nos surgiu a ideia de escrever sobre a *Mensagem*, que são muitos os estudos que tratam da leitura pró-textual da obra, foi nossa preocupação, desde o primeiro momento, evitar debruçar-nos sobre esses aspectos, a fim de não repetir o que outros já disseram. Daí que o nosso trabalho seja essencialmente um «*close reading*».

### **Da reprodução de poemas**

A fim de o leitor poder ter a todo o momento diante dos olhos o texto que está sendo analisado, achou-se por bem reproduzir cada um dos 44 poemas na secção em que deles se trata.

Quanto à exposição básica dos esquemas estróficos, rítmicos e rímicos de cada um dos poemas que constituem a *Mensagem*, depois de demorada ponderação, chegou-se à conclusão de que deveria fazer-se, em virtude da sua relevância para uma melhor compreensão da estrutura do poema. Por outras palavras, não é indiferente que um poema tenha este ou aquele esquema estrófico, rítmico ou rímico. Nas mãos de um grande poeta, matéria e forma, a palavra e o conceito por ela veiculada, valor denotativo e conotativo do termo, e todos os elementos constitutivos da poesia, andam sempre de mãos dadas, numa simbiose perfeita. E, mesmo correndo o risco de fazer juízos apriorísticos, sentimo-nos muito à vontade para concordar com todos os que consideram Fernando Pessoa um grande poeta, e para proclamar que a *Mensagem*, para além do que possa ou não reflectir em termos políticos, para os que optam por lê-la exclusivamente dentro desses parâmetros, é um grande poema, como espero a presente análise venha a demonstrar.

Dito o que, só nos resta despedir-nos dos nossos leitores potenciais com as palavras com que o poeta da *Mensagem* se despede dos seus leitores reais... e também potenciais:

A meus Irmãos,  
e à memória de meus Pais.

#### Notas

<sup>1</sup> Em apêndice à Introdução, apresenta-se uma breve visão anatómica da *Mensagem*, na esperança de que ela possa vir a servir de pretexto para estudos sérios por parte dos peritos em aritmosofia e doutrinas esotéricas.

<sup>2</sup> Note-se que não existe na *Mensagem* uma única oitava, pelo que talvez se pudesse aventar que Pessoa teve o maior cuidado em demarcar o seu poema épico, também neste ponto, da estrutura externa de *Os Lusíadas*, de Camões.

<sup>3</sup> A título do exemplo, indicaremos apenas três estudos sobre este tema, caucionando o leitor, tal como se faz em situações idênticas, que isto de forma alguma significa que estes trabalhos sejam necessariamente superiores a outros sobre o mesmo tema. Este e outros *caveats* assentam na natureza do trabalho que nos propusemos realizar, assim como na impossibilidade física de estar em dia com a bibliografia pessoana.

Eis os estudos, por ordem cronológica de primeira edição:

1. João Gaspar Simões. *Vida e Obra do Fernando Pessoa*. História de uma geração. Lisboa: Bertrand, 1981.

2. David-Mourão Ferreira. «Nota» in Fernando Pessoa. *Mensagem*. Lisboa: Edições Ática, 1967.

3. Anazildo Vasconcelos da Silva. *Semiotização literária do discurso*. Rio de Janeiro: Elo, 1984.

<sup>4</sup> *Fernando Pessoa, Obra Poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz (Rio de Janeiro: Aguilar Editora, 1965), p. 69.

E cabe aqui dar um esclarecimento. Tendo comprado há bastantes anos a obra de Fernando Pessoa publicada pela Ática Editora, é sobre essa que através das frequentes leituras sempre temos vindo a fazer glosas da mais variada natureza. Da Edição da Aguilar tínhamos conhecimento, mas jamais nos tínhamos servido dela. Foi só quando estávamos para passar este estudo a limpo que nos lembrámos que, num trabalho desta natureza, era aconselhável a transcrição de um texto fielmente reproduzido da primeira edição. E foi só então, portanto, que deparámos com a nota a que se aludiu acima. Se sem o conhecimento dela nos lançámos ao estudo da *Mensagem* «com temor e tremor»,

pense-se na nossa atitude se dela tivéssemos conhecimento prévio. Resta-nos, porém, a consolação de ter adivinhado o mandamento – e o desejo – de Fernando Pessoa.

É este o momento de manifestar a nossa estranheza por a organizadora da dita edição ter inserido esta «Nota Preliminar» no corpo da *Mensagem*, exactamente entre o título e a epígrafe geral e a «Primeira Parte», como se se tratasse de uma parte integrante do poema.

<sup>5</sup> Dessa intertextualidade muitos são os que têm escrito, desde Costa Ramalho a Jacinto do Prado Coelho, desde Maria de Lourdes Belchior a Alexandrino Severino. Neste, como em casos idênticos, remetemos o leitor para as bibliografias da especialidade, mormente para a de José Blanco, que é a mais completa. Isto para não sobrecarregar o estudo de uma erudição desnecessária, por meramente decorativa.

<sup>6</sup> Poder-se-ia dizer que uma das características da *Mensagem* é um exemplar sincretismo religioso.

<sup>7</sup> Eis a dita rubrica: «Desta edição, a segunda que se publicou da *Mensagem*, em que foram corrigidos e datados alguns poemas, conforme um exemplar da primeira edição revisto pelo autor, fez-se uma tiragem especial de 15 exemplares em papel “Manchester Ledger” numerados de 1 a 15.

Para os curiosos, direi que o exemplar do que me servi (refiro-me à edição da Agência Geral das Colónias, de 1941), hoje propriedade da Biblioteca da Universidade de Illinois, pertenceu a Alexandre O’Neill e a seu pai, José O’Neill de Bulhões, como se depreende das seguintes palavras escritas a tinta verde na folha que precede a do título:

«Com um abraço de amizade, ofereço ao meu Pai.

Alexandre O’Neill de Bulhões

11-8-942»,

assim como do ex-líbris de José O’Neill de Bulhões, estampado na página do título.

<sup>8</sup> *Fernando Pessoa, Obra Poética*. Organização, introdução e notas de Maria Aliete Galhoz (Rio de Janeiro: Companhia Aguilar Editora, 1965).

<sup>9</sup> *I. lb.*, p. 649.

<sup>10</sup> Devo ao Prof. Ivo Castro a chamada da atenção para os casos do E e do temer. Pessoa, no exemplar em que fez as correcções à mão, não mudou o E para É nem o tremer para temer, o que quer dizer que essas alterações são da exclusiva responsabilidade do organizador da segunda edição.

<sup>11</sup> Em José Blanco, *Fernando Pessoa / Esboço de Uma Bibliografia* (Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Centro de Estudos Pessoaanos, 1983) poderá o leitor informar-se sobre a data de publicação desses poemas, assim como sobre as revistas ou suplementos literários em que foram publicados.

*O Olhar Esfíngico da Mensagem de Pessoa.*

**Referência**

Cirurgião, A. — O Olhar Esfíngico da Mensagem de Pessoa. Revista ICALP, vol. 22 e 23, Dezembro de 1990 / Março de 1991, 74-85.